

**PUPOLOS DO EXERCITO**

**ANO LECTIVO DE 1957 - 1958**



FINALISTAS  
DOS  
PUPILOS DO EXÉRCITO



ANO LECTIVO DE 1957-1958

# A T O D O S

*Partir!*

*Tristeza de abalar  
Partida de quem sofre  
Na ânsia de chorar.*

*Sorrir!*

*Tristeza de partir  
Vontade de quem chora  
Na ânsia de sorrir.*

*Certeza!*

*Certeza de que um dia  
Choramos de saudade  
Lembrando esta alegria.*

*Saudade!*

*Dos tempos joviais  
Da nossa mocidade  
Que já não volta mais.*

*Saudades!...*

*Oh! que saudades meu Deus  
«Pilão», tantas saudades...*

*Adeus ó malta, adeus*

*Para vós toda a ternura  
Dos irmãos que partiram.*

*Que choraram, que sorriram...*

*Na hora da partida.*

*Chegou a despedida*

*O fim tão desejado*

*Partimos com saudades*

*A todos Felicidades*

*E um simples OBRIGADO*

P O E T A

*Curso de Rádiontador*

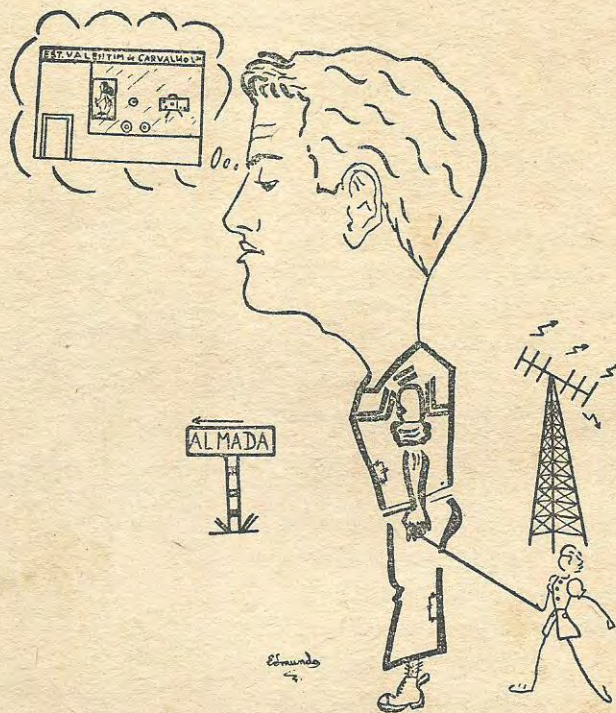


# Edmundo de Azevedo dos Santos



Menino Edmundo,  
Não seja bambino,  
Não seja traquino,  
Menino Edmundo,  
Que a vida, que o mundo,  
O vai receber  
Com tanta alegria  
Como você quer  
E você, decerto  
Também vai gostar,  
Da vida afinal,  
E o que tem mais certo,  
Hoje no final,  
E' a despedida,  
De faces chorosas,  
Das horas ditosas  
Aqui no «Pilão».

Mas menino Fetes,  
Não salte assim tanto,  
Que vai de abalada,  
Esconda-me esse encanto,  
Que tem em Almada,  
Lá da outra banda,  
E você bem sabe,  
E' você que manda,  
E tem não sei quê...



Não sei se patilhas...  
Que lá em Cacilhas,  
Só falam de si.  
Eu termino aqui,  
Eu sei pouca história,  
Da vida passada,  
A vida lembrada  
Sempre com saudades,  
Adeus Edmundo,  
Sê forte no mundo,  
Vá e Felicidades

POETA

# Gastão do Carmo Currito

Deixou a terra natal  
Vindo para a capital  
Para os estudos começar  
De descendência algarvia  
Ingressou na Casa Pia  
Para um curso tirar

Era aluno aplicado  
P'los professores estimado  
Mas não gostava de lá estar  
Pensou em vir p'ró «Pilão»  
Pois dizia com razão  
Que um bom curso devia tirar.

Foi p'ra Radiomontador  
Estudando com fervor  
O nosso amigo Gastão  
Sem nunca perder um ano  
O garboso ex-casapiano  
Honrou sempre o «Pilão».

Começou por se treinar  
Para no futebol entrar  
Mas já era muito velho  
P'ró atletismo foi então  
Pois queria ser campeão  
E dos outros um espelho.

Para se ser bom campeão  
E' preciso boa alimentação  
Diz o homem desportista  
Fazem o homem enfortecer  
E por isso deve-se ser  
Um autêntico naturista



E agora que nos vai abandonar  
E outra vida vai começar  
Despedimo-nos do favorito  
Deste homem com talento  
Que está quase a ser sargento  
E se chama Gastão Currito.

Modesto e Silva

# Joaquim António da Silva Proença



I

Ao Proença chegou a vez  
Vai partir causando pena  
Aquele que frente à rez  
Faz vibrar a própria arena.

II

Por ao estudo se aplicar  
No saber era o primeiro  
E será de lamentar  
Se não chega a engenheiro.

III

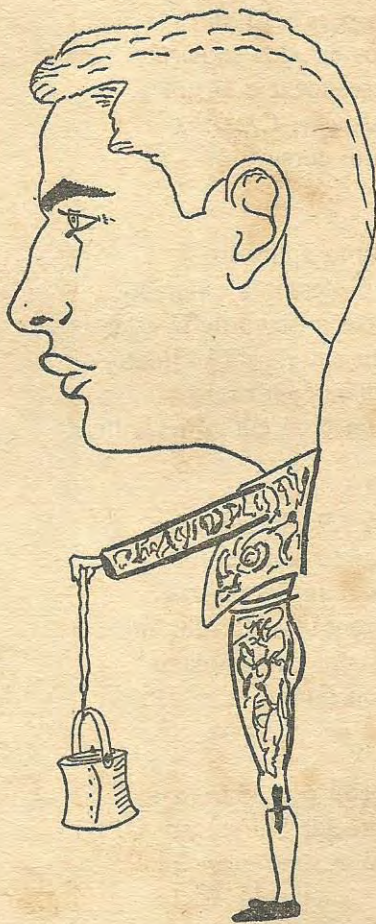
P'ró andebol foi convidado  
E na baliza se distinguiu  
Mas foi uma vez irradiado  
Depois ninguém mais o viu.

IV

A' ginástica se dedicou  
Não ficando por aqui  
Pois um lugar conquistou  
Na «especial» de Madrid.

V

Agora que vais partir  
Enfrenta a vida com calma  
E que sejas muito feliz  
Te deseja o *Zé Pereira* e mais o *Palma*



# José da Conceição Gonçalves

Vê-se chover  
E algo caminha,  
Por entre a chuva  
A saltitar.  
Chega enxutinho  
O «D. BARREUTE»  
Mas com o bigode  
'inda a pingar.

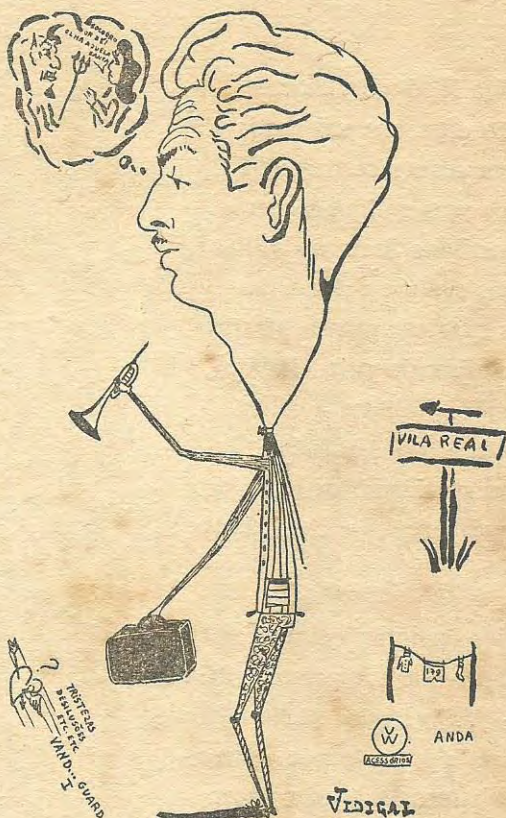
Oh!... mas com a breca!...  
Entremos de mansinho,  
E descubramos-lhe um pouco da  
careca

Pelo «Pilão» vegetou.  
Cabulando cá chegou  
O casmurro, folgazão  
De sonora gargalhada.  
Ondulando muito a testa,  
Mesmo nos dias de festa  
Ou com a sogra e namorada.

De bailarino a sopeira,  
Nas récitas sempre marcou.  
Como ginasta um azelha,  
(Molenguices e sornices...)  
No futebol fracassou  
Basquetebol um marrão,  
Foi jogador... treinador,  
E chegou a campeão.

E o carro travou...  
Já não W... anda.  
Mas naquele coração  
Albergou uma «...équinhas  
Com risos, lágrimizinhas  
E aquela «santa» a espreitar  
Com muita, ou pouca razão!...  
Não vá o «Sorja» escapar.

Mas calculem o «pratinho»  
Do Zé em oficial  
Com «Packard» e cabedal  
Passeando na Avenida.



Elas seriam aos molhos  
(E não querias outra vida)  
E até a «Santa» viria  
De braço dado com a Querida...

Bem sei que tens muito  
Que pensar,  
O' pau de fio,  
Mas olha que te cansas...  
E hoje, neste dia de festança,  
Vê se não te enganas no compasso.  
Chega para cá essa pança (?...)  
Estreita do Foca um abraço.

RUY BORGES

# JOSÉ JORGE PEREIRA

Oiça lá, ó «Ervilhaca» não diga que vai partir sem sequer se despedir dos seus amigos sinceros que 'inda ficam no «Pilão», mas sempre recordarão as suas estupendas «farras» coadjuvado pelo «Palma», embora faltasse a calma para a todos aldrabar nas partidas bem armadas, «escapanços» e cowboiadas!...

Mas qualquer coisa se nota desde que compraste a *Mota*: — Talvez mais personalidade para algum «engate» fazer, pois tens de te convencer que um sargento-montador tem de ter casa «montada» sem ser preciso criada, sob a direcção da esposa! E para que dês com «ela», deves frequentar o Grandela Ou outro sítio agradável...

Aquela Planície Heróica, que um dia te viu nascer, terá em breve o prazer de te mirar com orgulho,



Pois com o curso findado  
estarás já bem lançado  
no bulício que é a vida.  
E agora que vais abalar  
não te quero ver chorar,  
por isso numa saudação  
bem própria dum «pilão»,  
vai um voto derradeiro:

— FELICIDADES !

Arthur de Mendonça

# José Luis Nogueira Neto



I

Moreno, olhos verdes  
Com mania de conquistador  
Este moço que aqui vedes  
E' um portentoso pinga-amor.

II

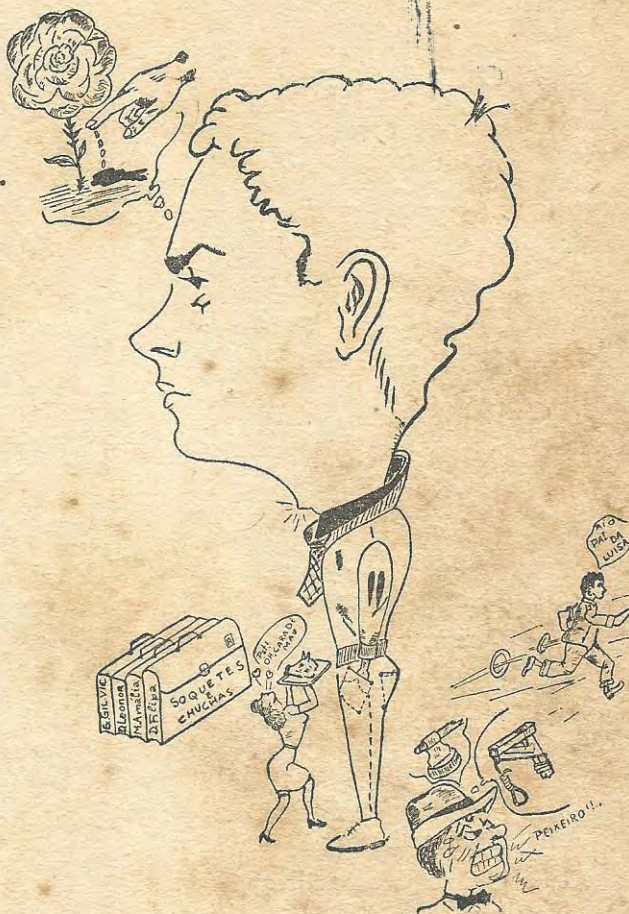
Vai muitas vezes à serra  
Fazendo de tudo confusão  
Mas eu que já o conheço  
Digo que é um grande aldrabão.

III

Fica com porte distinto  
Depois da farda envergar  
E o seu sítio predilecto  
E' a Baixa p'ra se mostrar.

IV

Por vezes o correio chega  
Mas não vem a resposta desejada  
Porém, passados uns dias  
A sua desculpa não tarda.



V

Agora para terminar  
O que te hei-de desejar?  
Felicidades no teu curso  
Para que muitas possas amar.

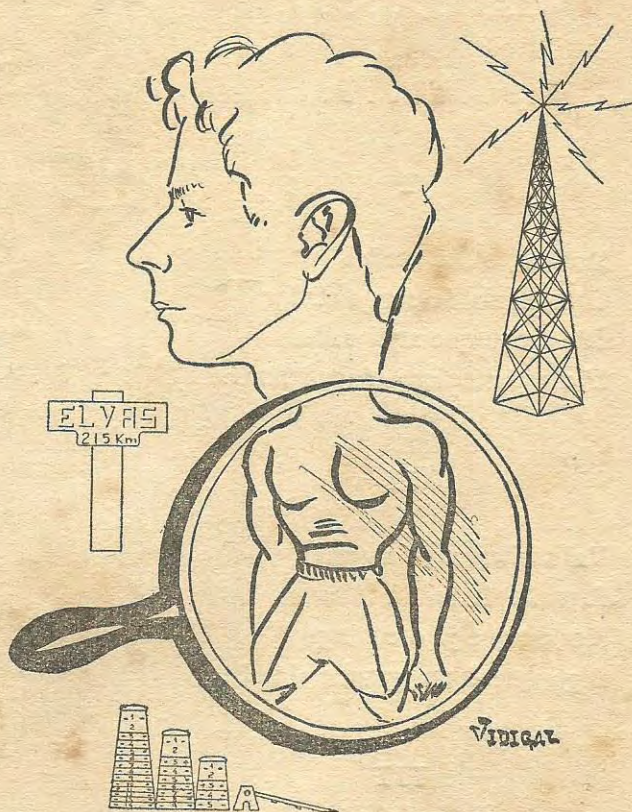
R Ó

# Lineu António da Piedade Buinhas

O' Elvas, O' Elvas...  
Badajoz à vista.  
Já não faz milagres  
S. João Baptista.

Já não faz milagres?!...  
Quem disse? - eu sei que faz

Conheço um rapaz,  
Um negociante,  
Pequeno, bem sei.  
Mas tão saltador,  
Que às vezes, horror!...  
Quase nem se sente  
Mas faz impressão  
Puxa-se da lente  
E com lentidão  
Aparece à vista  
Um pequeno artista  
Olha bem o espaço  
Fica lá suspenso  
E faz um milagre  
E puxa dum lenço  
Debaixo da manga  
Como um quiromante  
E o negociante  
Que vai de abalada  
Vai sentir saudade  
António Lineu



Já tem Piedade  
Eu sei que já tem  
Só não sei se tem  
Saudades da malta  
Que nunca lhe falta  
Nessas viagenszinhas  
Adeus, Felicidade  
Lineu Piedade  
Amigo Buinhas.

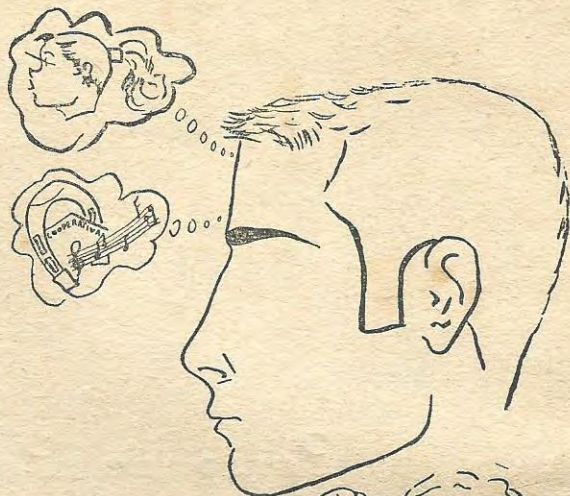
POETA

*Curso de Comércio*

# Eduardo Alberto Raposo da Costa Oliveira

I

Patilha alongada  
«Trunfa» penteada  
Eis aqui o «Marlon»  
Já armado em «bom»  
Para se despedir,  
Pois também vai partir.



II

Galã consumado  
E' agora apontado  
Como um grande *terror*,  
Pois é castigador  
Mas causa-lhe abalo  
Certo «rabo de cavalo».

Letes



III

Um grande atleta  
De boa «faceta»,  
E' bom no geral  
E' «barra» na «Especial»,  
Desde a fundação  
Da dita no «Pilão».

V

IV

Nos estudos sem ser fera  
Também não foi «bera»,  
Mas talvez por azar  
Não pôde alcançar  
A meta prevista  
No curso «Contabilista».

Mais não vou falar  
Pois não quero «cortar»  
Muito na tua «casaca»,  
Já um pouco fraca...  
Ficarei por aqui,  
Com um abraço para ti.

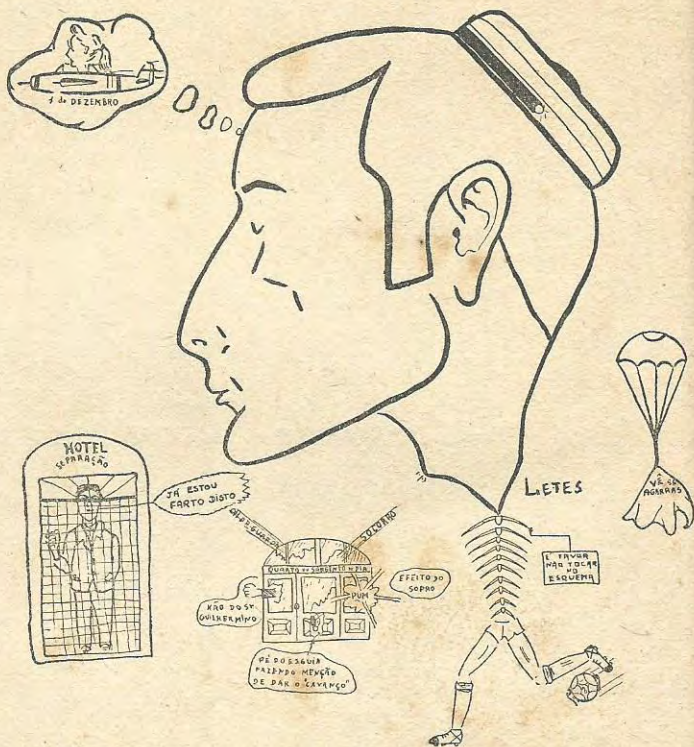
Arthur de Mendonça

*Curso de Montador Electricista*

# MÁRIO CUNHA PIMENTEL

O' Esguia  
Mas que alegria  
Vê-lo hoje assim contente  
O Pimenta certamente  
Esteve lá um bocadinho.  
O' Esguia  
Mas que alegria  
Diga-me cá quem é ela  
Que estava ali à janela.  
O' Esguia  
Mas que alegria  
E que fala tão doutora  
Que novidades me dá  
O' Pimenta diga lá  
Como vai a aviadora?

Espinha, Pimentel,  
Da velha Coimbra  
Senhor do Hotel  
Vê que o fado timbra  
No solar «Gaiola»  
Com voz e viola  
Que cansa os miolos  
Com timbre tão fino  
Deixa-te de apertos  
Não vendas mais bolos  
E olha os «enxertos»  
Do «Sôr Guilhermino»  
Não vás p'rá gaiola  
Nem jogues à bola  
Que vais de partida  
Caminha na vida



E deixa o Pilão  
Mas tem esta ideia  
Pede uma boleia  
A' do avião  
Segue o que te digo  
Não chores as saudades  
Vai, não marques passo  
Deseja o amigo  
Muitas felicidades  
Com um grande abraço.

POETA

*Curso de Optica*

# Nelson da Silva Pereira

Agora, eu saio da pista, dou lugar  
A quem mais divertido e... assim...  
Se não se importam eu vou apresentar  
O Nelson, oculista, o Arlequim.

Ah! Ah! Ah!...

Traz as botas que vendeu na mão direita  
Os doces da Raquel na algibeira  
E os bifés do «Pastel» em desalinho,  
Nós não podemos sequer deixar de rir  
Ao vermos tantas sardas a sorrir  
E a falar numa voz assim baixinho :

Reporter X... da Frescata  
(Tu tens uma grande lata)  
Do Mercúrio — jornal da tarde  
A' procura da verdade  
Em confusão de narizes  
Sou curioso, bem sei  
E faço uma reportagem  
Que inda há pouco comecei  
E se chama :

O que me dizes?!...  
E' que sabem, hoje abalo.

Mas deixem-me retratá-lo :

Mexe orelhas e nariz  
E' ginasta e oculista,  
E tem muito, como diz  
Um grande golpe de vista  
Que em modos mui maguados  
Fazendo bem o papel  
Vai comendo os rebuçados  
A' bondosa da Raquel.  
E acreditem, podem crer,  
Faz tudo rir a valer



Hoje, abala, Felicidades  
Que sigas em linha recta  
Não chores ainda as saudades  
Terás tempo. Que o poeta  
Deseja-te no porvir  
Que vás sempre na subida  
Da estrada longa da vida  
E que rias a bom rir.

P O E T A

*Curso de Mecânica*

# Antônio Cândido Pereira Carneiro

Filosofia barata  
Sr. Barata  
Não vale, tenha paciência,  
Que no campo da decência  
O saber filosofar  
Não é para toda a gente  
E o Barata, certamente  
Pensa bem  
E o bem pensar  
Nunca fez mal a ninguém  
Eu sei que o Barata tem  
O bom verbo na linguinha  
Mas oiça, cale a boquinha  
Não sei, o mundo que tem  
Se preguiça, se porfia,  
Que as pessoas já não ouvem  
A boa filosofia.

Antônio Carneiro  
Carneiro da Pereira  
Seja mais alegre  
Dê-se à brincadeira

Se é de Montalegre  
Vá ver os Soeiros  
Vá ver a pombinha  
Que alegre caminha  
Na vida consigo  
E oiça o velho amigo:

Deixe as confusões  
Seja mais forreta  
Com as irritações  
E firme a luneta  
Que vai de partida,  
Caminhe na vida

E se a desventura  
Um dia vier  
O' Barata, ó Cura  
Não trema sequer  
Grande que pareça  
Mostre que é Pilão  
Levante a cabeça  
E depois verá  
Se eu tenho razão.



P O E T A

# António Joaquim Moura Tereno



Quem és tu?  
Donde vens?  
De que planeta és habitante?

Sòsinho passeia, no lago sem fundo  
Da vida cruel num mutismo cego,  
Como um Crusóe que busca sossego,  
Nas margens dum rio nos confins do mundo.

Solitário caminha, come vegetais,  
Físico soberbo de Titã do Céu.  
Caminha tranquilo no destino seu,  
Da vida isolada, excepção das demais.

Ginasta da vida,  
Que hoje és finalista,  
E vais na subida,  
Vais entrar na pista,  
Como um acrobata,  
Com asas de lata,  
Doirada, luzente,  
Vê de frente o mundo  
Incerto e disforme  
E faz uma enorme  
Subida de frente.

Faz uns «Flic-flacs»  
De cabeça erguida,  
E nas paralelas  
Das linhas da vida  
Deixa a solidão.  
Que a vida encarada  
Como um rumo certo  
E' mais bem temperada  
E' mais ilusão,  
E sentes mais perto  
Junto ao coração,  
A musa do amor,  
Que dá felicidades  
De sublime encanto  
De tantas saudades,  
Esconde-me esse pranto,  
Não chores o Pilão,  
Que apesar de velho  
Inda continua,  
Sê feliz na vida,  
Caminha veloz,  
Mostra mais a voz,  
E desce da lua.

P O E T A

# Humberto António Egreja André

O combóio parou.  
Chega à estação.  
E lá na aldeia,  
de Eiras chamada,  
aparece a banda  
e a saloiada.  
Dão palmas e vivas  
ao novo mecânico,  
que veio de abalada  
um dia, com ânimo,  
e satisfação  
para a capital  
— p'ró velho Pilão.

Cem botas gastou  
o velho «chanato»  
das imitações,  
mas sempre temeu  
o vil cinturão  
quando via o «velho»  
com ele na mão.

Delicado, fino,  
e rei das «bombardas»,  
das grandes noitadas,  
foi grande terror  
e nada medroso,  
o faccioso,  
gritava, berrava,  
parecia um trovão,  
pois queria que o Porto  
fosse o campeão!...

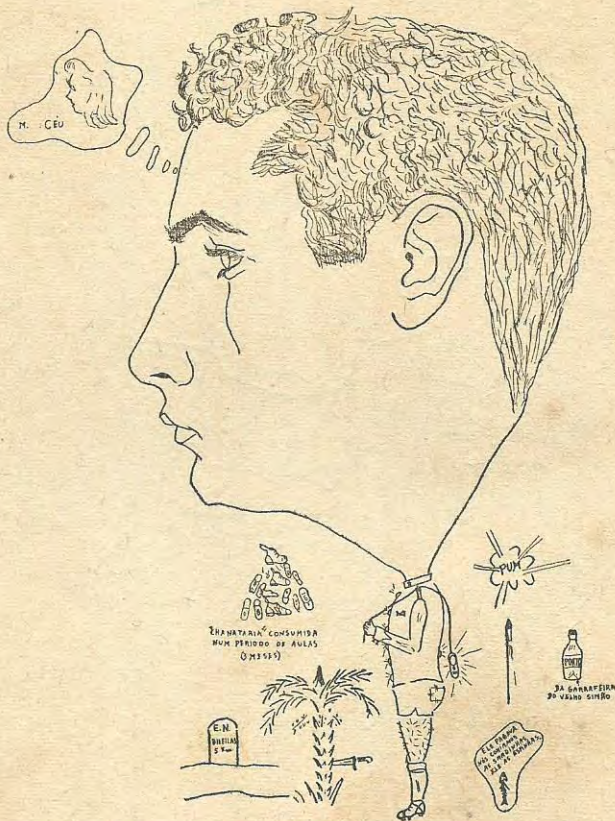
Bailes e tintol,  
de amores tem um rol,  
um nunca acabar,  
pequenas — cuidado!...  
Qu'ele já está velho,  
mas não acabado:  
e hoje quer escolher  
a moça mais bela,  
mas esta a valer...

Chanato da farra,  
não largues a amarra,  
da vida tão bela.  
Esconde lá a lágrima,  
e deixa as saudades;  
sorri sempre assim.  
Larga uma piada,  
e gasta cem botas,  
e dá cabeçadas  
daquelas bem dadas,  
como sabes dar,  
a rir, a jogar,  
pensando na «tia»,

mas com alegria.  
E hoje ao dançares,  
a marcha final,  
desejo que gastes,  
muitas, muitas botas,  
na grande corrida  
que fazes na vida.  
Qu'eu jãmais esqueço,  
a nossa partida.

RUY BORGES

Aluno n.º 366



# Ilídio António Trindade Santos

O' Rei do bigode  
O' Rei da facada  
Veja lá se pode  
Ir-se assim embora  
Sem dizer à gente  
O que você sente  
Na triste abalada  
E' bém um desgosto  
Uma ralação  
Lembra-se de Espanha?

Oh! Sim, como não!...  
Eu não sei se acha  
Bom tempo «lá sacha»  
Se é cultivador  
Não ligue ao amor  
Que muito se diz  
Dessa cicatriz  
E do todo em si  
Mas você, claro!  
Um bichinho raro  
De boas maneiras  
Não liga nenhuma  
Com tantas peneiras  
Leva tudo ao rol  
Oiça: o Andebol?  
Como vai agora?



Com tantos descontos  
Nunca pense muito  
Nessa cicatriz  
Sei chegou a hora  
De apressar o passo  
Dê cá um abraço  
E seja feliz.

P O E T A

# João Maria de Freitas Moreira

Campino, ó Pescador, sabes guiar  
E's tanta coisa junta,

Quem és tu?

Oiço uma voz baixinho a murmurar:

— Sou o Feitor da Quinta do Perú.

Na lezíria, nas noites de luar  
Se alguém passa escondido como a medo  
E eu bem alto pergunto:

Quem és tu?

Oiço uma voz assim, como em segredo:

— Sou o Feitor da Quinta do Perú.

O Feitor da Quinta do Perú  
O Pescador, o «Fângio» da sucata  
Não faz barulho e fala só com pausa  
O João é campino e «chofer»  
E' bom rapaz, amigo quando quer  
Mas tem a lata  
De ter latas lá em casa.

Os campónios perguntam pelo menino  
Pelo campino motorista, pelo feitor.  
E quando à quinta desce na charrette  
A banda carunchosa toca o hino  
Vemos no ar o rasto dum foguete  
E solene, cumprimenta o regedor.

Sr. Feitor, se um dia lhe trazer  
O destino, um dia que atrapalhe  
Não pragueje, não grite, berre ou ralhe.  
E oiça hoje a voz bem conselheira  
Como é um bom rapaz e bom «chofer»  
Pare um momento  
E meta-lhe a primeira.



P O E T A



# JOSÉ FRANCO LEANDRO



I

Tendo na mente a gordura  
Muitos caminhos percorreu  
Conseguindo uma espessura  
Que por pouco não morreu

II

O nosso amigo fuinha  
Mecânico nas horas vagas  
Tendo fama de sonsinho  
Consta ser o rei das chagas.

III

Ao pobre fininho desastrado  
Constou um certo dia  
Que tinha o carro parado  
Com uma grande avaria.

IV

Depois de muito trabalho  
E grandes investigações  
Jogando cartas de um baralho  
Tirou outras conclusões.



V

Querendo eu ser bucha  
Estou sempre em decadência  
O meu carro não me puxa  
Porque lhe falta a potência.

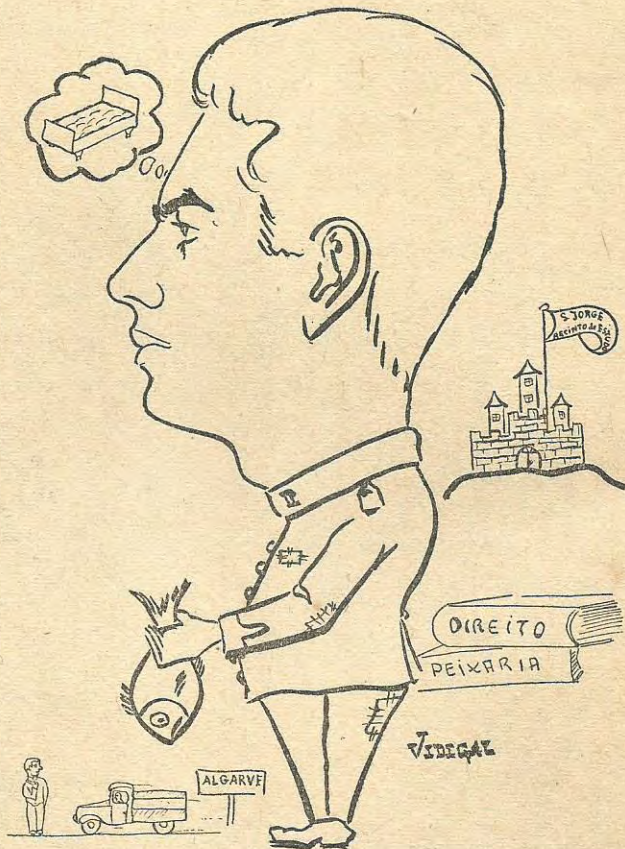
Ilídio Santos

# Liberto Rodrigo Guerreiro Gomes



Liberto do peixe  
Não ria, não deixe  
A malta sem jeito  
Gosar assim tanto  
Você no Direito  
E' um grande ponto  
Com escalas de pança  
E' um pouco obeso  
Vive na abastança  
E tem cá um peso...  
Que não há direito  
De ter uma pança

Assim de respeito.  
Não ria Liberto  
Sei, você é esperto  
Já de natureza  
No peixe que mete  
Assim a brincar  
Eu não quero trocar  
Eu digo a verdade  
Que eu de falsidade  
Não gosto lá «munto»  
Mas não coma tanto  
Pode ter quebranto



E depois parece  
Assim um presunto  
Liberto, elegante  
O tempo estudante  
Findou este dia  
Vá não marque passo  
Dê cá um abraço  
E mostre alegria...

POETA

# Luis Manuel de Jesus Martins Cascalheira



## I

Nas fileiras do Pilão  
Veio cair uma «formiga»  
Toda ela é «confusão»  
Por ser muito rabiga.

## II

Na história cá da casa  
Consta de doido «varrido»  
Onde passa tudo arraza  
E muita gente tem fugido.

## III

Dedicado e inteligente  
Aprofundou-se nos motores  
Dele fugia toda a gente  
Por ser o rei dos «tremores».

## IV

Mecânico de primeira  
Que no volante é um «ás»  
Quando mete uma terceira  
O carro anda p'ra trás.



## V

Que sejas bem sucedido  
E' o que te posso desejar  
E o carro não tenha fugido  
Antes de estar a trabalhar.

Alexandre Oliveira

# MANUEL JORGE LOPES

I

Bom rapaz, camaradão  
Alegre e desportista  
Eis a apresentação  
Do «Massa» o futebolista.

II

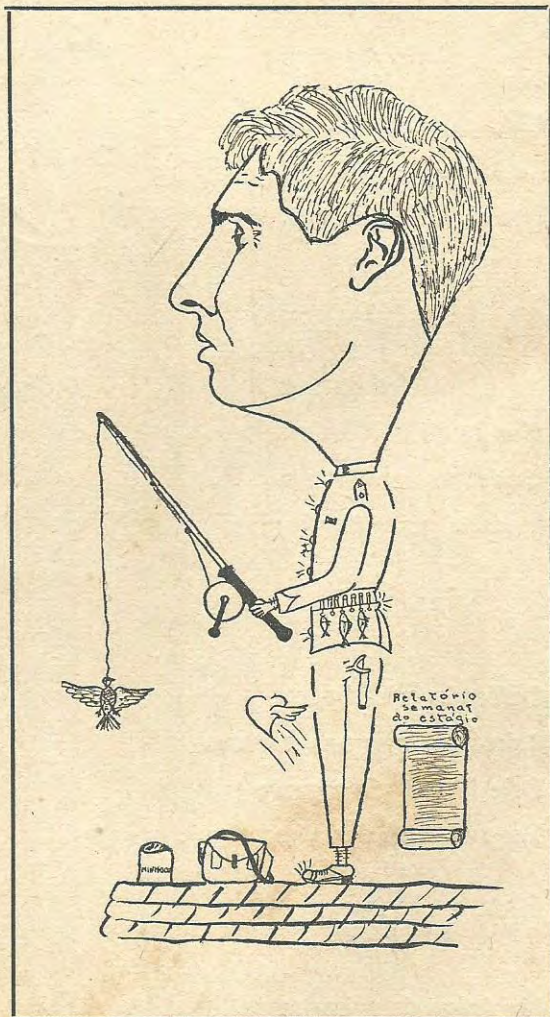
Nunca um ano só perdeu  
Pois não é p'ra brincadeiras  
E jãmais ele concebeu  
Maldosas maroteiras.

III

Porém como finalista  
Decidiu ele engordar  
De maneira nunca vista  
Ele fez todos pãsmar.

IV

Agora vais-nos deixar  
Mas talvez com emoção  
Venturas sem acabar  
Te deseja o JOÃO.



João Gambetas Abreu

# Raúl Maria Touro Pereira

## I

Em futebol «formado»  
farrista como nenhum,  
na Mecânica diplomado  
... eis aqui o «31».

## II

E' um grande comilão,  
devorador de terrinas  
... e vai tudo desde feijão  
até às iguarias finas.

## III

No «coice» se distinguiu,  
em voley também marcou,  
só pouco sobressaiu  
nos estudos que findou.

## IV

De vez em quando, p'ra alegrar  
ele arranjava um caminho:  
— Uns «gritinhos» de pasmar  
e um pouco de «verdinho»...

## V

Galã sem grandes clamores  
seu coração não tem preferida  
porque a seguir a 1.<sup>as</sup> amores,  
... vem o «pontapé de saída»...



## VI

Agora que vais partir  
Desejo-te felicidades,  
Enfrenta a vida a sorrir  
Deixa para trás as saudades!...

Arthur de Mendonça

*Curso de Contabilista*

# ANIBAL BAPTISTA LEAL

O Sagres maluco  
Precisava ter  
Mais um parafuso  
Que não pode ser  
Assim a brincar  
Um Sagres maluco.

Levam-lhe o almoço  
Lindas raparigas  
Cantando cantigas  
Com dor no pescoço  
Dum rock afamado  
De tanto se rirem  
Pagarem os carros  
Ao Sagres, de borla  
Que vai viajando  
Como um rei antigo  
O' «Elvys» amigo  
Não sejas maluco  
E ouve o que eu digo :

Vai dizer-lhes Sagres  
Que tenham juizo  
Sustenham o riso  
Que vais abalar  
Na hora final  
Do triste acabar,  
Mais rende, mais vale  
Só rir afinal  
Porque só chorar  
Dá a impressão  
Que é bem um desgosto  
Deixar o Pilão.



De qualquer maneira  
Deixa a brincadeira  
Sobe docemente  
Oh! «Elvys» maluco  
Faz rir toda a gente  
Faz render o siso  
Após a partida  
Sê feliz na vida  
E tem mais juizo.

POETA

# ANTÓNIO FRANCO LEAL

Leal, o batalhões, o ventas d'urso,  
Mais conhecido p'la alcunha de «melões».  
Eu vou apresentar a vós ó gentes,  
Sabe tudo tão bem como um doutor,  
Tem a meiguice subtil duma flor,  
E' pena a fazer festas partir dentes.

Das tretas que contava à malta toda,  
Era ver o Leal numa roda,  
A meter peixe com gestos todo ufano,  
Dos fados que cantava tão gritados,  
Deixou-nos os ouvidos dilatados  
De tanta gritaria todo o ano.

Mas agora que o Leal vai abalar,  
Eu encho o peito e vou também cantar...



Leal do beicito  
Acho que é bonito  
Lá na Madragoa  
Cantares um fadito  
Só para eu ver  
Se alguma pessoa  
Te dá com um pauzito  
Assim a valer  
Não te ajudarei  
Pois que não me meto  
Mas Leal tenor  
Peço-te um favor  
Canta o «Rigoletto».



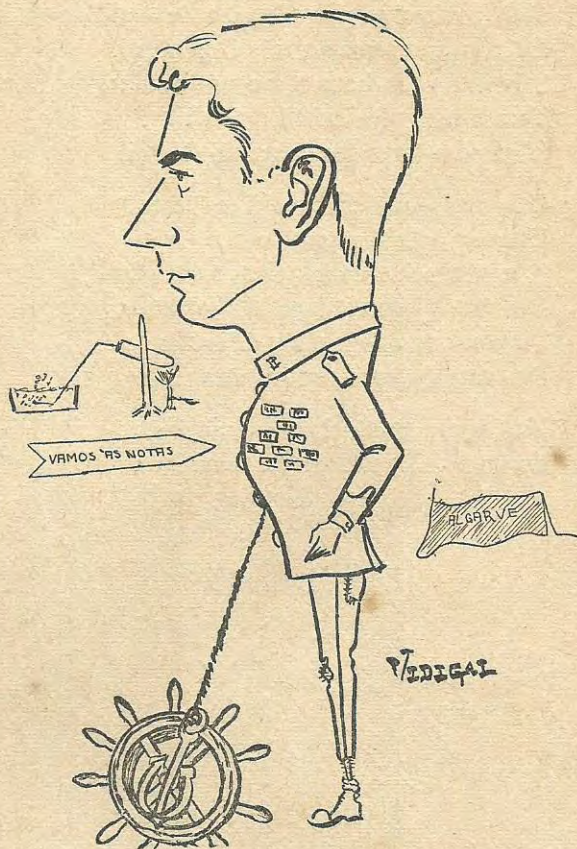
Leal ó fadista  
Dos fados da vida  
Qu'hoje és finalista  
E vais de partida  
Não chores como eu,  
Deixa o velho muro  
E fita o futuro  
Com vinagre doce  
Que é sòmente teu,  
Que a malta não esquece  
As boas canções  
Do dos amarelos,  
Vais partir comigo  
Já temos saudades  
Deseja o amigo  
Tantas felicidades  
Como tens cabelos.

POETA

# António Joaquim Modas Marques da Silva

Amélia Boguinho  
Dos barcos de Almada  
Que vais de abalada  
Vai devagarinho  
Que a vida está má  
Os brincos baratos  
Que a vida não dá  
Nem para os sapatos  
Mas tu é claro  
Bicharoco raro  
Que só usa botas  
Nem sequer hesitas  
Segues até Faro  
E mostras as notas  
Que são bem bonitas  
E guardas cioso  
Como um relicário  
Assim tão formoso  
O vocabulário  
Que usas entre a malta  
Que usas por usar  
Que mesmo a reinar  
Não dá na ribalta.

Que cara tão linda  
Que testa franzida  
Nariz de torresmo  
Oh! pareces mesmo  
Na volta ou na ida  
Quem tem a ideia  
De pedir boleia  
E hoje na subida



Da escada inclinada  
Da vida, da estrada,  
Assim a brincar  
Eu queria deixar  
Como uma raiz  
Bem estreito um abraço  
Com besembaraço  
Segue e sê feliz.

P O E T A

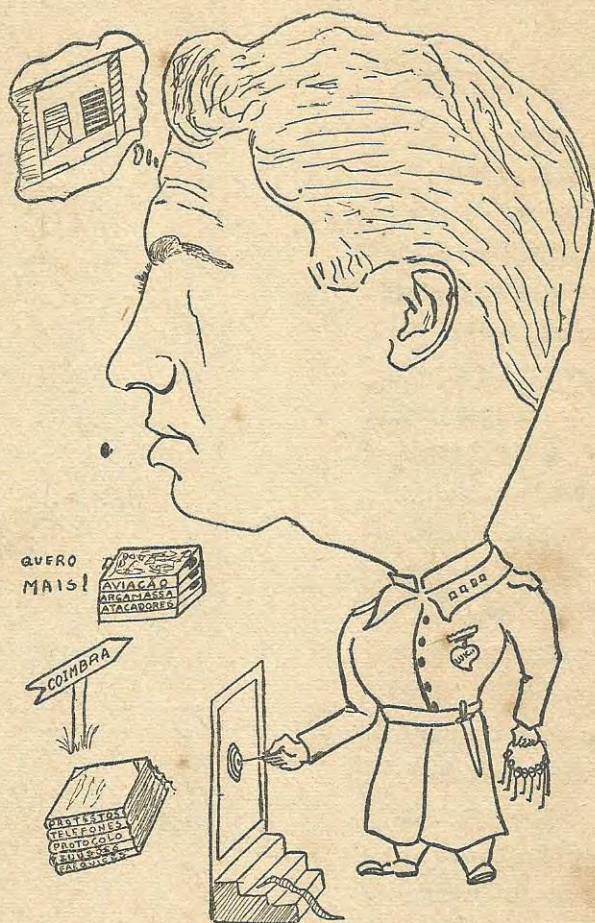
# António José dos Santos Policarpo

A bocarra enorme  
E o jeito trocista,  
São os primeiros traços  
Deste finalista.

O peito abaulado,  
E a grande marreca,  
São bem resultado  
De tanta soneca,  
Do bom guardião,  
Que deixa o Pilão,  
Onde teve fama,  
Chegou o seu turno,  
E' guarda-nocturno,  
«Minhoca», se chama

O jeito nervoso,  
De quem cabulou,  
Passo estropiado,  
De quem muito andou,  
Na ronda da noite,  
Serviço diurno,  
E' raro quem ficou  
Com o coração,  
Que o guarda-nocturno  
E' um malandrão,  
Frangueiro afamado,  
O «Gaby» da moda,  
Se faz uma roda,  
Junta muita gente,  
E assim de repente  
O guarda da bola  
Começa a dar escola.

Pois bem, vais partir,  
Eu queria-te dar,  
Uns certos conselhos,  
Novos, nada velhos,  
Isso de falar,



E dar tanta escola,  
E' uma ralação!  
Não fales, por esmola,  
Não dês mais barraca,  
Deixa a discussão,  
E não vás no bote,  
Sê bom cara-unhaca,  
Olha a desventura,  
E tem muita sorte,  
Na vida futura.

POETA

# Carlos Tomás Calheiros Valença Leitão

Pesquisa, Piscina  
Dos peixes da sala  
De Braga importado  
Vêde que hoje abala  
E se vai ligeiro  
No passo imponente  
No ar de quem sente  
Num ar de Doutor  
Dum conquistador  
De palavras finas  
Num certo à vontade  
Saber de meninas  
Mas vai ter saudade  
Da malta, da gente  
Que parte com ele  
Para o «carroussel»  
Do mundo da vida  
E vai de partida  
O bom do Piscina  
Das provas de rio  
E' um desvario  
Ir assim partir  
E deixar a malta  
Assim a sorrir  
Desfazer o trio  
Assim sem mais nada  
E' uma ralação

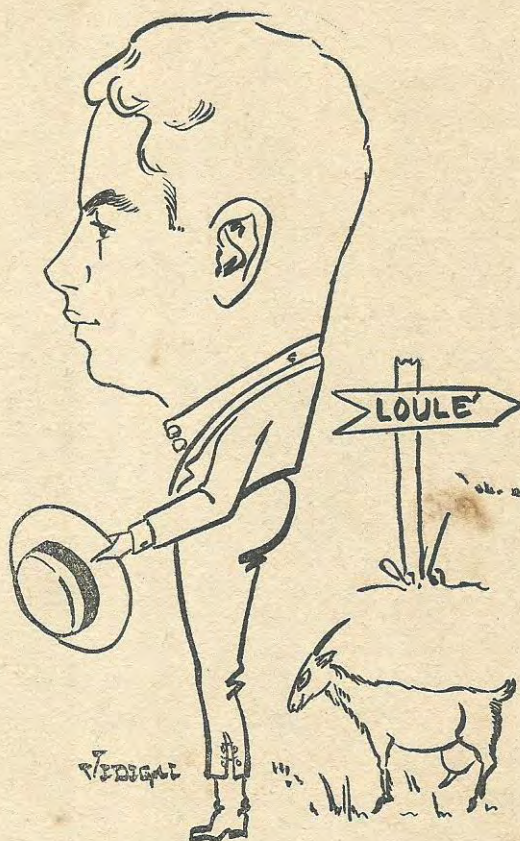


E' uma maçada  
Deixar o Pilão.  
Hoje n'abalada  
Segue em linha recta  
Lembra-te que o Poeta  
Sincero te diz  
Caminha seguro  
No rumo futuro  
Vai e sê feliz.

POETA

# Diogo Baleiro Salgueiro

Baleiro Salgueiro  
Não há quem o veja,  
Lá da Amareleja  
Donde você veio  
Há de tudo, eu sei-o :  
O peixe barato,  
Um gigante rato,  
Petróleo a valer,  
Tantas coisas mais  
Que são de temer.  
Se um dia tu vais  
Assim a trazer  
Tantas coisas raras,  
Vê as nossas caras  
De espanto, coitadas  
Tão admiradas  
Como nunca vi,  
Eu se fosse a ti  
Um circo fazia  
Num porte elegante,  
Carro na subida,  
Amigo, senhor  
Com certo espavento,  
Tu a locutor  
Eras um portento!...



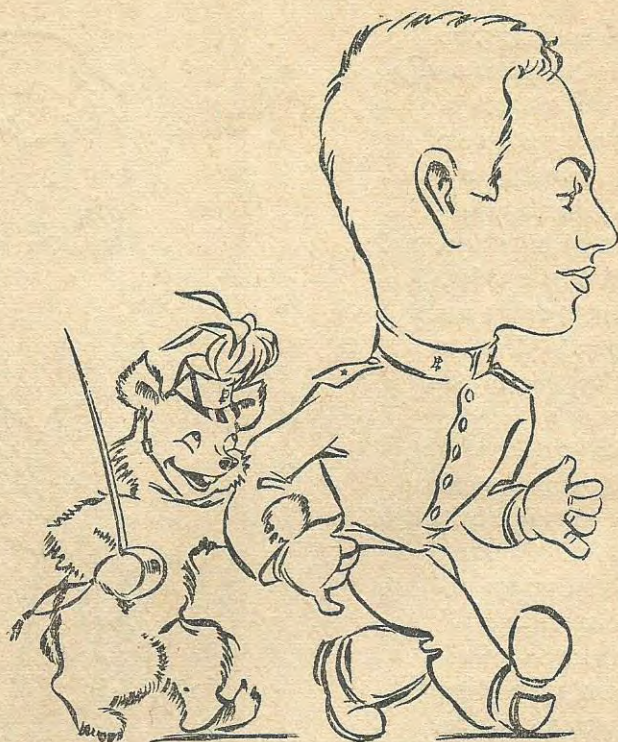
Amigo Baleiro  
Um homem assim  
Não faz de cabreiro,  
Não pára, não sonha,  
Olha bem p'ra mim  
E mostra alegria  
Na cara risonha,  
Que hoje é de folia  
E amanhã serás  
O dono do circo  
Que a vida está boa,

Depende sòmente  
Do que a gente sente,  
E muito se louva  
Quem vai na subida  
Das escadas da vida  
E não usa escova.  
Que o Poeta diz :  
Vai, acerta o passo,  
Com um grande abraço  
Parte e sê feliz.

P O E T A

## Fernando Edalberto Vieira de Matos Silva

Menino-bébé  
Não seja bambino  
Não seja cretino  
Menino-bébé  
Menino-Nestlé  
Não seja tão louco  
Que quem vê  
Faz pouco  
Do dançar assim  
Num ar inocente  
Sabe certamente  
Que a perna de pau  
Assim bem esticada  
Já foi inventada  
Você não é mau  
Não seja cretino  
Menino-bébé  
Menino-cacau.



VIEIRAL  
2  
Gallardo  
1918

Não seja ginasta  
Estude só mais nada  
Dance muito menos  
Recolha a linguinha  
Reme de somenos  
E tenha maneiras  
Sabe ter peneiras  
Nunca foi bonito  
E eu acredito  
Que você não tenha  
Mas isto é assim  
Olhe bem para mim  
Que vai abalar  
Não hesite um pouco

Não pare de estudar  
Não seja tão louco  
Assim a dançar  
Que suba na vida  
Que tenha compadres  
E sinta saudades  
Num feliz ensejo  
Muitas felicidades  
E' o que eu desejo.

POETA

# Joaquim Francisco Guerra Cabo Verde

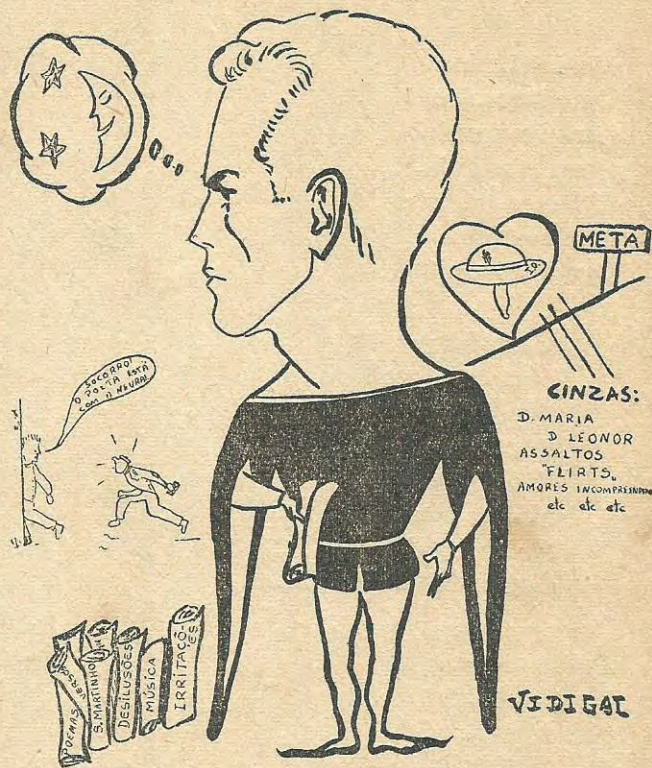
Expressão de pensador  
Olhar triste, taciturno  
Parece estar embrenhado  
Em pensamento profundo

Esperem, já despertou  
Que nos irá ele contar?  
Aventuras dos seus amores,  
Mil desilusões e dores?  
Não, recusa-se a falar

Por isso eu irei contar :

O Poeta amigo  
Quero apresentar  
Mas oiçam, porém  
Tratem-no bem  
Não se vá irritar  
O Poeta amigo  
De Sousel importado  
E' vate afamado  
E eu vo-lo digo!  
Faz versos tão belos  
Com uma tal «finesse»  
Que a gente ao lê-los  
Chega a pensar:  
Se Camões vivesse  
Talvez o chegasse  
A invejar.

O tempo passou  
Dos amores antigos  
Mais nada ficou  
Agora porém  
Não sei bem porquê  
Será que você  
Anda apaixonado?  
Diga quem é ela  
Que o traz pelo beicinho.



Tão enfeitiçado...  
Com ideias belas  
Dizem as más línguas  
Que é lá de Odivelas.  
Poeta, vais partir  
Que grandes já as saudades  
Encara a vida a sorrir  
Que os teus sonhos do porvir  
Só tragam felicidades.  
Não chores, é a nossa festa  
Cantemos a despedida  
Abalemos, mas que importa?  
Iremos juntos p'la vida.

B A L E I R O

# JOSÉ CAVACO HENRIQUES

Menino-busina  
Que lindo menino!...  
Cara de bambino  
Assaz coradinho  
E' tão redondinho  
Menino-busina  
Que lindo menino!...

Menino-tarefa  
E' tão rechonchudo  
Depois coma tudo  
Não ria p'ra fora  
Não seja traquino  
Menino-tarefa  
Menino-busina  
Que lindo menino!...

Durma descansado  
P'ra fazer ó ó  
Não faça pó pó  
O Farense vence  
Veja se convence  
A do Ateneu  
A seguir consigo  
O destino seu  
Durma descansado  
Nos braços de Morfeu  
Não seja traquino  
Menino-busina  
Que lindo menino!...  
A Corte-da-Seda  
Espera ansiosa  
O ilustre filho  
Da terra ditosa,  
Guarda o pé de meia  
E puxe do lenço  
E enxugue o pranto



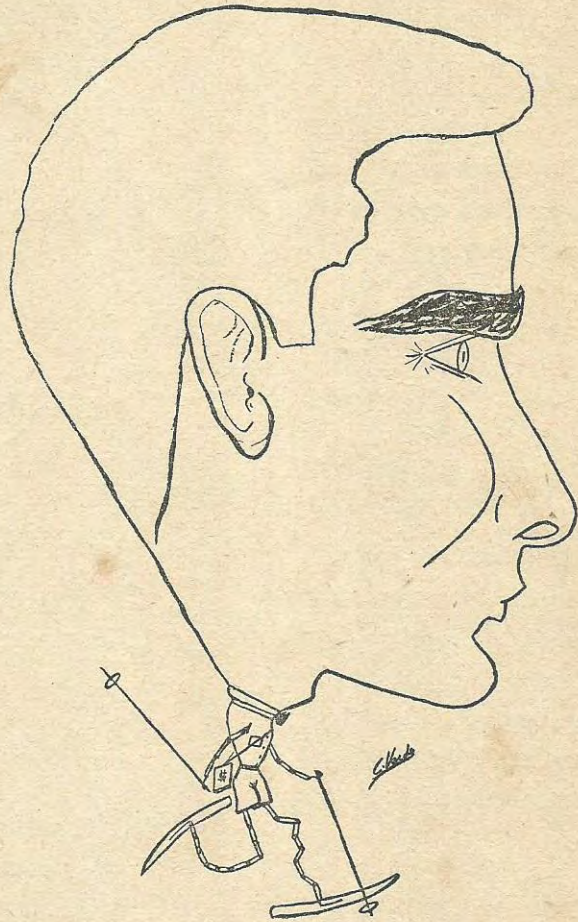
Que molha a bochecha  
Não soluce tanto  
Pode ter quebranto  
E é tão pequenino  
Faz tal como eu faço  
Abre os teus bracinhos  
E dá-me um abraço  
Menino-busina  
Menino-tarefa  
Que lindo menino.

O amigo POETA

# José Luciano Fidalgo Esteves

Assim por aqui?  
O' Fiaca sério,  
E assim de ski?!...  
De cara risonha!  
E' de admirar  
E é de gritar:  
— O' Fiaca sério,  
Que pouca vergonha!

Num passo de dança  
Dum tango afamado  
Encolha essa pança,  
Comece o bailado  
Da dança do Pato,  
Ligeiro como um gamo,  
Dança todo o ano  
Firme num sapato,  
Suave harmonia,  
'sim à luz do dia  
Parece irreal,  
E a dança afinal  
E' uma lenda antiga  
Duma rapariga  
E um senhor feudal,  
Um Fidalgo Esteves,  
Ou um Lucciano  
Que faz mano a mano  
Com a Ullanova,  
Que já não é nova,  
E o Fiaca pode,  
Assim a brincar,



Pregar-lhe um bigode.  
No belo dançar  
De suave passo,  
Parta sorridente,  
Siga bem em frente  
E dê-me um abraço.

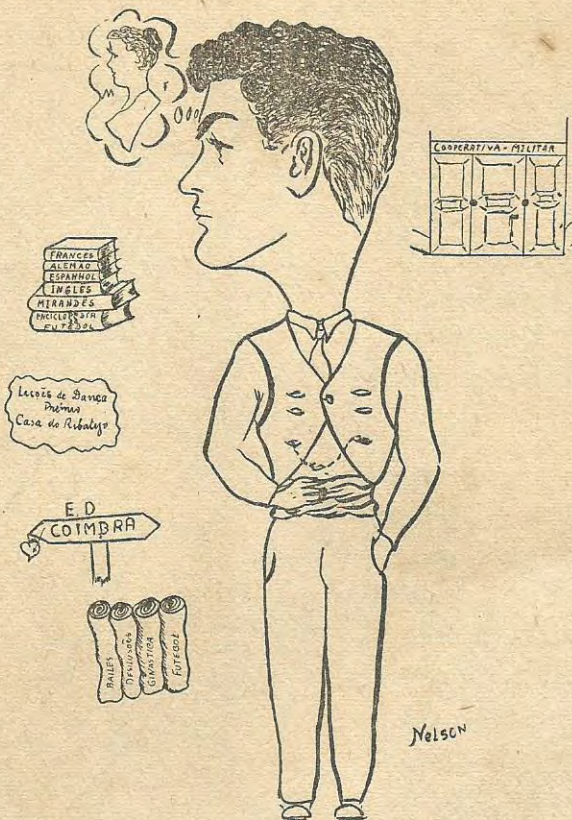
P O E T A

# Mapril António de Castro

Dos «Contabilistas»  
que são finalistas  
eu irei contar  
mas sem deslustrar  
as grandes aventuras  
azares e loucuras  
do «Porta-Guião»  
loiro e «folgazão».

Atleta apumado  
futebolista afamado  
completo em geral  
é da «classe especial»  
e se não houver «mazelas»  
deve ir a Bruxelas.  
Nos estudos escapou,  
um ano «chumbou»  
mas não é de estranhar  
p'ra quem tem de *marrar*.

Com ares conquistadores  
teve fortes amores  
de Coimbra a Benfica  
e, seja pobre ou rica  
se o Mapril gostar...  
vai-lhe às mãos parar!  
Nos bailes então,  
ei-lo em acção  
sempre a «castigar»  
para bem gosar!...



E para terminar  
eu quero formular  
meus votos finais  
sinceros e leais:  
— Que tenhas alegrias  
e muitas folias  
por toda a tua vida  
deseja-te à partida  
um bom camarada  
desta casa-amada.

# RUY BATISTA BORGES

Oito anos de Pilão, o Foca palrador,  
De escuros dias, amores, desilusões,  
Eu queria hoje a sós c'os meus botões  
Contar a história do Foca falador.  
Não a sei bem...  
Mas tentarei decerto,  
Falar da vida dele como (dum livro aberto)  
A história da *Varina!*  
A história da *Peixeira!*  
Da Praça da Ribeira.



Varina, peixeira,  
Peixeira, varina,  
E que muito afina  
Se a gente começa  
Forte a discutir,  
Assim bem depressa,  
Põe as mãos nas ancas,  
Atira as tamancas  
E faz-nos fugir,  
Pois que é de temer  
Varina assustada,  
Que não dá ouvidos,  
Discute. Mais nada,  
Se estamos perdidos,  
Se a gente se vê  
Assim a brincar,  
P'ra quê discutir?!...  
Para quê falar?!...  
Não se compreende  
Que protestes tanto,  
Varina lambida  
Vende o peixe à vida.  
Esconde-me esse pranto  
E leva um abraço  
Sincero, fraternal,  
E se um embaraço  
Surgir afinal,  
Olha bem na frente,  
Não tremas sequer,  
E vê de repente  
Que «Querer é Poder».



POETA

# Victor Manuel Domingos

Estrelas de veludo  
E fortes peneiras  
São bem as maneiras  
São bem esse tudo  
Duma arrastadeira  
Que leva ao Entrudo  
Garotas em cacho  
Direito ao Cartaxo

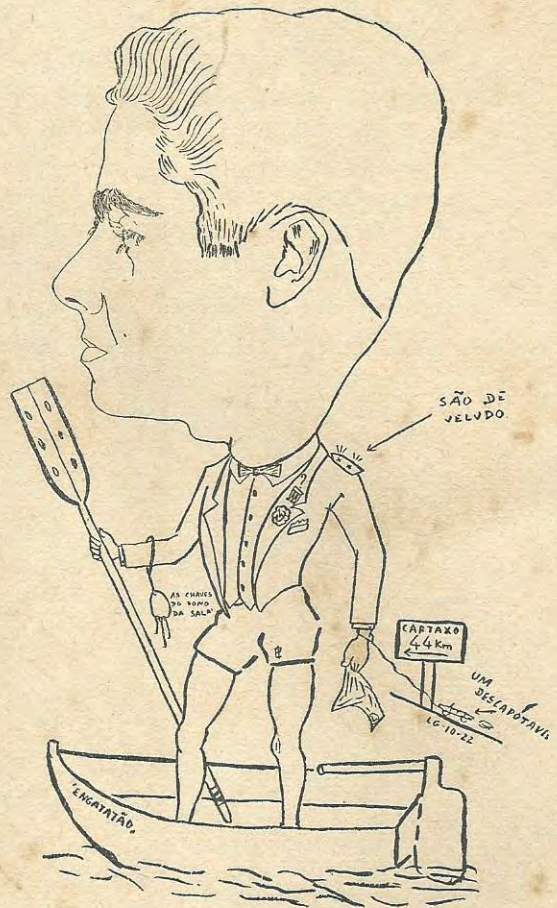
Juan, Valentino  
Ou Joy Marinheiro  
Não vás tão ligeiro  
Que perdes o tino  
Não sejas cachopo  
Que elas co'a imagem  
Da tua passagem  
Lançam um piropo  
Pensando nas bodas  
E desmaiam todas

Um castigador  
Que é bom director  
E que muito rema  
Não vai ao cinema  
Perde a energia  
Pois só a folia  
Não dá p'ra viver  
Assim descansado  
Nem dá p'ra comer  
Co'a boquinha ao lado

Caminha seguro  
E encerra o futuro  
E larga o cachimbo  
Que não ganhas *Jimbo*  
A fazer sofrer

Tanta namorada  
E quanto ao trazer  
O fato à paisana  
Isto de «Joana»  
E' uma maçada  
Na chocolateira

Isto é brincadeira  
Não te vás zangar  
Que vais abalar  
Nesta despedida  
Sê feliz na vida  
E p'ra quê chorar?...



POETA

# *Marcha dos Finalistas*

*Letra de Joaquim Guerra Cabo Verde*

*Música de Dr. José Bento Monteiro*

Sorrindo, partimos,  
Do velho Pilão,  
Saudade, emoção,  
Hora de folgar,  
No peito o encanto  
Vida divertida,  
Feliz outra vida,  
Que vamos singrar,

Escondamos o pranto,  
E a dor da partida,  
Feliz despedida,  
Mais tarde voltar,  
Sentir na saudade,  
Tristeza de partir,  
Chorar e sorrir,  
Depois recordar.

## *Refrain:*

P'ra quê chorar,  
Se o nosso curso acabou!  
P'ra quê lembrar,  
A saudade que ficou! . . .  
Tudo levou  
Nossos risos joviais,  
Hoje resta a saudade,  
Da feliz mocidade,  
Que já não volta mais.

Futuro risonho,  
Juntos caminhamos,  
Sorrimos, choramos,  
Já nada mais resta,  
Cantamos a marcha,  
Cheios de alegria,  
Hora de folia,  
Desta alegre festa,

Sentimos saudades,  
Das aulas, chamadas,  
De amigos, paradas,  
Dum são ideal,  
Saudades da vida,  
Alegre, folgazã,  
Depois, amanhã,  
Servir Portugal.